

# Urgência na educação

CORREIO BRAZILIENSE

27 ABR 1987

Nem tudo são sombras no relacionamento entre o Brasil e países do chamado Primeiro Mundo, em geral apenas reclamantes de inadiplências do Terceiro, pouco lhes importando as causas profundas. Mes nem tudo é assim. Há pouco o Japão anunciava um programa de trinta bilhões de nipodólares, para ajudar os Estados Unidos a suportar as dificuldades no recebimento de créditos à América Latina, porém de qualquer modo nos ajudando mesmo por caminho indireto, senão direto por novos investimentos. Agora o ministro francês da Educação, René Monory, vem a Brasília dizer das realizações já feitas, muito além de meras expectativas. Outro motivo de ânimo.

E preciso combater os surtos periódicos de derrotismo. As melhores cabeças européias, norteamericanas e japonesas sabem valorizar a América Latina, bem adiante das maiores limitações da África e da Ásia com a notória exceção do Japão. A França cabe uma especial responsabilidade, neste contexto, em relação ao Brasil: daqui a dois anos será comemorado o bicentenário da Revolução Francesa, que tantas e tão profundas influências teve aqui. Se a França esquecê-las, tanto pior para ambos. Ela andou muito tempo investindo mais noutros lugares, de preferência nos países francófonos africanos, suas antigas colônias. O que explica porém não justifica a atitude. Nenhum país do mundo tem maiores simpatias tradicionais no Bra-

sil que a França. Outras vieram se somar, esta continua a mais profunda.

Ninguém subestime a tecnologia francesa. Ela vem-se desenvolvendo num quadro muito parecido ao brasileiro, o do direto patrocínio estatal, sem com isso implicar estatização completa, ultimamente nem mesmo hegemônica na maioria dos setores. Modelo parecido com o brasileiro, mais que qualquer outro. E quando o ministro Monory comunica o êxito na formação de técnicos de nível superior em apenas dois anos pelos institutos universitários franceses de tecnologia só pode ser bem-vindo. Também do lado brasileiro se evidencia um êxito de aprendizado, dadas as naturais dificuldades de adaptação.

Não se deixe de reconhecer, ao mesmo tempo, o desempenho do ministério brasileiro da Educação, ora aos cuidados de Jorge Bornhausen. Em meio a tantas greves, extensivas ao meio universitário. O ministro Bornhausen ainda conseguiu paz de espírito para ir encaminhando soluções várias. Numa hora assim, tão grave para os destinos nacionais, cabe também aos professores e funcionários entenderem o contexto da situação. Ela pode ter uma razão (quem as nega?), contudo a crise se apresenta generalizada, cada qual deve medir os limites das suas reivindicações por mais justas que sejam. A suspensão das aulas já apresenta resultados altamente danosos à comunidade: suspensão do vestibular e das formaturas e perda total do

semestre. Os pais angustiam-se com motivos de sobra. O Brasil inteiro perde.

Do lado do MEC compete aumentar também seu grau de compreensão, os professores estão abandonando as universidades, em busca de outros empregos. Pouco restarão em tempo integral. A universidade acabará reduzida ao ensino de giz e quadro negro do verbalismo do passado, o qual já se imaginava superado mediante investimentos inclusive do tipo francês ora louvado. Será que vai se perder tudo? Será pior que uma crise, será um erro, como o disse Talleyrand a propósito de outro equivoco também grave e na política francesa.

De nada adiantarão os esforços das recentes gerações. Há alguma coisa merecendo melhor consideração na Lei Calmon. Antes de mais nada que se reconheça publicamente, com mais frequência, o mérito da paternidade do projeto, consagrado pelo prestígio e pertinácia de um cidadão dedicado ao bem comum, em seguida se verifique em pormenor a destinação específica destes recursos. Estará sendo observada rigorosamente a percentagem prevista? Quanto se dedica às atividades-meio e às atividades-fim? A Nação quer saber por que e precisa saber. Democracia é isto, satisfação ao povo. Os professores e os funcionários clamam, o MEC negocia, todos perdem na busca demorada da solução que tarda. Cumpre chegar enfim a uma conclusão e logo.